A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St. Anna

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Administrador — Fernando Arthur Pereira
Rua das Figueiras

ASSIGNATURA

Em Ovar, (villa) semestre	500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre	600 »
Brazil, semestre	700 »
Avulso	20 »

Propriedade da Empresa do jornal "A PATRIA,"

Composição e impressão—IMPRESA CIVILIZAÇÃO

de Viuva Lemos & Gonçalves

RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219—PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis
Permanentes e reclames a preços convencionaes.

Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento.

A OBRIGA

Ganhar tempo

Desde a hora, ha uns dois anos e pico, que a tragedia do Terreiro do Paço abateu duas coroas e duas cabeças de rejeidas, mal vivendo, numa perpetua crise, a monarchia, não tendo podido restabelecer-se, tracta de vêr se se aguenta com expedientes como o de adiar, para ganhar tempo—sua tactica desde então. Foi seu primeiro ministerio, pessoalmente, uma excelente inclinação liberal com Ferreira do Amaral que, precisamente, para «ganhar tempo» se lembrou de cunhar e lançar no mercado a moeda da «acalmção», boa *trouvaile* em que se empatariam uns anos se a coisa passasse, entretanto que a monarchia se iria repondo do abalo que a teve á borda da cova. Uns mezes durou o equilibrio, até que, um belo dia, por uma reviravolta da fortuna... palaciana, Ferreira do Amaral é posto na rua, e com ele se esvai a «acalmção», sem nada ter acalmado, como é sabido; e sem nada ter solucionado, como é dos livros.

Apoz, seguiram-se varios ministerios, mais ou menos pintados, na taboleta, de ripolim liberal, e todos, substancialmente, carregados do *virus* ultra conservador. Esses ministerios o que fizeram foi «adiar»; a sua grande tactica de Fabios e Anibaís da arcada consistiu em ir aguentando, ladeando-se, irrezolvendo-se, «ganhando tempo» numa sociedade em que ha, agora, a vertigem da fatalidade historica, deterministamente empurrando-nos para uma finalização com que, aliaz, se lucra, de todos os modos, nos ultimos casos.

Para isso esses ministerios, successiva e metodicamente incompatibilizados com o parlamento, e, por consequencia, inibidos de fazerem governo representativo, só souberam adiar as côrtes, ora hoje, ora amanhã, para estudar, para reformar, para predispor—no fundo, descascada a mentira, unicamente para «adiarem» o que era o problema, e tinha de vir tarde ou cedo. Nenhum, num arranco de sinceridade, sincero foi, propondo, consoante o occulto sonho doirado de todos elles, a dissolução das côrtes, essa solução, ou o abandono do poder, esse acto seguro.

Com o actual governo, não somente se repete a habilidade, vemol-a adquirir ainda maior relevo, tornar-se mais obsessiva.

Constituido o ministerio, Beirão que sabia os humores das côrtes alvitrou um adiamento de dois mezes... para estudar e trazer reformas. Obteve-o, e, aberto o parlamento, encontrou-se com as dificuldades que o fizeram pedir o adiamento, atacadas d'um agudismo tal que, imediatamente, embateram contra o seu governo.

Baldára-se o empenho, que embaraços, atravancos, dificuldades, perigos, como prodijio, lhe surjiam da terra fustigando-o, dilacerando-o.

Subitamente, o caso Hinton, cheio de surpresas, cheio de terríveis presajios; e agarrando as mãos á cabeça o estadista, em lugar de serena e intelijentemente o atacar, como o medico que rasga um tumor,

foje-lhe, adiando as cortes... para «ganhar tempo».

Surje o caso escandaloso do «Credito Predial», emfim! reabre o parlamento, e toda a jente vê que de duas uma, ou o governo consegue a dissolução, e por momentos, respira, ou, negado esse favor da corôa, recurso extremo, se vai a terra.

Beirão odia, e para não odiar o parlamento, o que, já agora, lhe é materialmente impossivel, procrastina as sessões, demora-as, salta sobre ellas. O parlamento deve reunir todos os dias uteis, pois que se marque sessão... duas vezes por semana, que entretanto pôde a dissolução aparecer, pôde vir remedio...

Assim pois: «ganhar tempo»... E' o alvo supremo do actual como dos transactos governos de D. Manoel, como é o recurso ultimo a que está votada a monarchia.

Prejudica isso essencial e fundamentalmente a nação, que vê todas as dificuldades não vencidas, sofismadas, e agravadas portanto; não remove para a propria monarchia as horas terríveis que a esperam, mas cuidam talvez os nossos Pitts d'ourela que toda a ciencia esta nisso, e vá então d'adiar—para se «ganhar tempo»... Como ciencia politica—é de arrombar!

Antonio Valente.

ECHOS DA SEMANA

O Alqueire

Nos jornaes do Porto, comunicado de uma comissão de habitantes de Oliveira do Douro:

«A freguezia de Oliveira do Douro compõe-se de 1.800 a 2.000 fogos e os seus habitantes pagam ao parochio: congrua parochial, batizados, casamentos, obitos, missas, certidões, carneiro, e tudo o mais que diz respeito ao chamado *pé d'altar*; o que lhe dá o rendimento d'um conto de reis por ano, apossimadamente.

Pois apesar deste rendimento o padre pretende á força que todos os habitantes lhe paguem, obrigatoriamente, mais um alqueire de milho ou 500 réis».

Historia de todos os dias e de toda a parte, afinal. Apesar dos padres, é claro, serem modelos de humildade, ezemplos de desinteresse, paineis d'amôr pelo proximo.

E apesar, tambem, de, nos Evangelhos, um devaneador, Cristo, de nome, ensinar a pobreza e ordenar o odio ás riquezas.

...Riquezas que para o abade d'Oliveira do Douro, como para a regra jeral dos abades, constituem o melhor dos deuzes e a mais elevada das relijiões. Catholicismo—sem joio.

De regresso

Deve a estas horas estar na sua Babilonia de Nova Work aquele caçador de leões chamado Roosevelt que tendo no *interland* africano caçado terríveis feras, veio acabar a *tourne* numa digressão pela Europa, caçando outro jenero de feras, com outra especie de *Manlicher*—o mel das suas palavras cheias, troantes. Os concidãos do ex-presidente recebem-no

com altas provas de festeiro ezibicionismo, e, ou por orgulho nacional ou por snobismo patrioteiro, se Roosevelt com as botifarras lhes pizar os calos... sentir-se não contentissimos.

Que a «Livre America» afinal, *támem* sabe bajular e cair de cócaras, tal qual como o antigo continente; o que serve a provar o adajio de que sair aos seus é bom signo e mui boa pinta.

Lavrador

Na Associação da Agricultura, D. Manoel, afirmou o seu amor pela agricultura e disse que, pessoalmente, era um lavrador—o que está nas tradições da familia. Ninguém terá dado pelo casaco de briche, os safões e o chapirão cabreiro d'el-rei, mas não resta duvida que é um facto D. Manoel ter trabalhos de valôr sobre a cultura da abobora e do alho de conhecida terminação.

Só na cultura do tomate é que a majestade se mostra ainda fraquito, mas com tempo e verga, como se diz na aldeia, acará D. Manoel por se tornar um especialista.

E' questão de dar tempo ao tempo...

Melhoramentos no... «Jornal»

O «Jornal d'Ovar» que foi sempre um jornal com chiste, espirituoso, divertido, inaugurou a secção de *debiques* e começou a contatarnos com aquela verve e aqueles conhecimentos que todos nós tanto apreciamos.

Felicitemo-nos por lhe termos dado pasto aos seus debiques, por proporcionarmos aos seus leitores mais uma secção interessante e felicitamos o collega por o melhoramento.

Francamente, era pena; tanta graça concentrada só naquella local que consagra ao tempo!

Agora sim. Ao menos faz-nos rir!

Tambem debica com a «Discussão» e ahi, se tambem com graça, não menos com enigma.

Receia ser acusado de *plagiarismo*!!

Será por estar lá o sr. dr. Medeiros?

Não nos parece; pelo menos achamos cedo para começar o debique. Elle deixou de colaborar no «Jornal» ha tão poucos numeros...

Que emfim, o que ha de ser ao tarde, faça-se ao cedo...

Eu cá não fui

Leria velha, bem o sr. Beirão, se podia dispensar de a moer, como uma atafona inconsciente. Pois na Camara dos Pares, saiu dos labios do chefe do governo a afirmação de que está inocente das responsabilidades moraes da lei de imprensa. Quando toda a jente sabe que foi o partido progressista quem a votou, e quando se vê no poder esse partido e á frente do poder esse homem!...

Seria pasmozo se não fosse d'um cinismo canalha, a ajustar, admiravelmente, com a taboleta de pessoa digna e intelijente que o prezidente do conselho, não sabemos porque malas artes, dolo-

PELA MIZERICORDIA!

Brilhante excursão á cidade de Braga

A comissão promotora da excursão a Braga, cuja receita liquida se destina á Misericordia, faz publico que essa excursão se realiza no dia 29 do corrente; e convida o povo d'Ovar a inscrever-se para esse encantador passeio que, proporcionando uma inolvidavel diversão é, ao mesmo tempo, um acto caritativo. A inscrição encerra-se no dia 24 do corrente, devendo por isso, até esse dia fazerem-se inscrever todos os excursionistas.

A comissão.

zamente arranjou—n'outros tempos.

Elojios

O snr. ministro do reino, nos Pares, defendendo o ferrabraz juiz de instrucção, teceu-lhe rasgados, graudos elojios. Nós esperamos um dia ou outro, elogiar, por nossa banda, o mesmo juiz, esse juiz que nos parece uma providencia. Por bem opostas razões que as que determinaram o verbo do sr. Dias Costa a espanjar-se e florir, mas, em todo o caso, com uma sinceridade e prazer que desconfiarmos não ter havido na fala, cheia de si, do ministro.

Volts do mundo ..

Um só rosto

E' o sr. José Luciano de Castro um homem de palavra, sabemol-o. Por isso d'ele disse Melo e Souza, provando-o, na assembleia jeral do Credito Predial do dia 7 do corrente:

Accuza o governador ao Banco de Portugal não ter este mantido um contracto feito. Pois são absolutamente falsas as palavras do sr. Luciano de Castro.

Ha sensação na assemblea: não vemos porquê, justos ceus!

Aqui d'el-rei!

No Credito Predial fala do sr. visconde de Alvalade:

«Em vista das declarações dos peritos e do sr. Burnay, parece-lhe que a responsabilidade dos corpos jerentes não fique só em palavras. E' necessario que ao capital perdido se chame capital desviado. Se o governador e os corpos jerentes são ricos teem agora occasião de prestar um grande serviço á Companhia e em especial aos obrigacionistas. Propõe ainda que o governador e os corpos jerentes digam se querem ou não repôr o dinheiro desviado. Caso contrario eleja-se uma comissão para tratar de fazer com que as propriedades d'aquelles senhores sirvam de caução».

O tempo o dirá, mas, até prova em contrario, ficamos na nossa de que, ás do cabo, em palavreado só é que ficaremos. Embora o outro ande a fazer venda das propriedades de Estarreja, á falta de outras razões, quando menos pela

de que o seguro é o que acaba de velho. Porque, emfim... ninguém sabe o que está p'ra vir, ensina a sabedoria e aconselha a manhã.

O «Descredito» Predial

Teimozamente continua o «Jornal d'Ovar» a chamar-lhe *crédito*; pois pôde pôr na conta de *débito*.

Mas o melhor é que chama *honrado* (!!!) ao immaculado governador e illustre chefe progressista.

O que se vê é que o colega tem *obrigações*, mas não do tal *descredito*.

Para este e para o seu governador, o que tem é muito boa bôca.

Irra!...

De quarentena

Noticias da Espanha trazem informes de se haver tornado intransigente, perante o Vaticano, a attitude de Canalejas. Assim diz-se que no jornal oficial espanhol sairá, brevemente, o projecto do decreto governmental abolindo o privilegio catolico, pela concessão a todas as relijiões do direito de manifestação e liberdade de culto; e ainda se diz que Canalejas recomendará a todos os governadores provinciales o maximo rigor no cumprimento da lei das congregações, impondo mesmo a dissolução das que não estejam reconhecidas.

Será assim, e desta vez, a valer, a igreja encontrará pela frente uma Espanha anti-clerical e regalista?

Para o não acreditar, dêmos tempo a que Afonso XIII e os reacionarios que o cercam, disponham soberanamente de quanto poz... o governo.

Esperemos pois, que é cedo ainda para o sr. Alpoim acender luminarias, d'olhos postos em D. Manoel.

Socialismo e republicanismo

A dezerção de Ferri provocou protestos no socialismo europeu, protestos de que se fez porta-voz Bebel, o veneravel do socialismo alemão. Como Pablo Iglesias, como todos os socialistas sinceros, Bebel declarou que «fôra sempre republicano» contestando a monstrosidade ilojica dos que afirmam

um socialista poder aceitar a forma monarchica.

E' bom lembrar isto aos socialistas de pau e corda que entre nós, patarata e velhacazmente, fazem menção de estabelecer uma ponte entre as ideias que blazonam professor e a monarchia que lhes faz conta servir.

...A vêr se o duche, não lhes tirando o apetite, os leva, ao menos, ao caladinho, que o calado, em taes apertos, é o melhor.

ARA

À TOA

O Primeiro Homem

Que grande é o Mundo! E eu só! Que tortura tamanha!
Ninguém! Meu paé é o ceu. Minha mãe é a montanha.

A Montanha

Os meus cabelos são os pinheiros sombrios e veias do meu corpo os azulados Rios.

Os Rios

Nós somos o suor que o Estio asperje e sua, nós somos, em Janeiro, a agua benta da Lua.

A Lua

Eu sou a bala, no Ar detida, d'essa guerra que teve contra Deus, em seu principio, a Terra...

A Terra

E eu uma das maçãs, entre outras a primeira que certa Virgem viu cair d'uma macieira.

A Macieira

Tantas ainda por cair! Vinde colhel-as, abanae a macieira e cairão estrelas.

As Estrelas

No Mar, á noite, refletimo-nos a olhar e formamos, assim, as *Estrelas-do-mar*.

O Mar

Sou padre. São d'agua meus santos-Evangelhos: acendei meu altar, relampagos vermelhos!

Os Relampagos

Nós somos (o contrario embora seja escrito) os fogos fatuos desta cova do Infinito.

O Infinito

Sou o mar sem borrasca, onde emfim se descança aqui, vem desagoar o rio da Esperança...

A Esperança

Morri, irmãos! Mas lá ficaram minhas vestes, no vosso mundo: del-as dadas aos ciprestes.

Os Ciprestes

Para apontar os ceus como dedos funereos, plantaram-nos no pó dos mudos cemiterios.

Os Cemiterios

Porão, bliches, tudo cheio!... Os ceus absor-tos!
Não cabe em Josaphat esta leva de mortos!

Os Mortos

Seculos tombam uns sobre os outros, como blocos, e nós dormindo sempre, ternos dorminhocos.

6 descredito predial

Vae-se arrastando, agonicamente, o liquidar d'aquella instituição de credito, onde progressistas e regeneradores—uma vez mais!—revelaram quanto se deve á sua capacidade, intelligencia e honradez administrativas.

Tendo de, por dever de officio, nos occuparmos aqui do momentozo e gravissimo caso, estimáramos dar um extrato fiel, circumstanciado, de todas as sessões que se têm feito na Companhia.

A falta de espaço não nol-o consente, e o conhecimento jeral, anterior, dos factos que aqui reproduziríamos, sendo largamente conhecidos, desobrigam-nos do proposito de o tentar.

Queremos, todavia, deixar aqui, para meditação e leitura dos homens imparciaes e judiciosos, sem lhe pôrmos um comentario, sem lhe darmos uma nota á marjem, os relatorios do governador e do

conselho fiscal, respeitantes ao ano economico de 1909; fazendo-os seguir, a modos de elucidario, das palavras do vice-governador que foi substituir Antonio Candido, o actual, que é o snr. Dr. Albino de Souza Rodrigues, na segunda assemblea jeral do Credito Predial, realisada a 7 do corrente.

Vale a pena compararem—que poucas vezes, senão nenhuma, terão achado mais flagrante differença.

Ora pois—vejam:

1.º

Relatorio do Governador do Credito Predial no anno economico de 1909.

«Os factos mais notaveis do anno de 1909 foram os seguintes:—Importancia de emprestimos realisados em quantidade superior aos dos annos de 1906 e 1907.

—Augmento de capital mutuo na avultada somma de réis 387:313\$090.

—Importante cobrança de prestações, que fez diminuir em réis 16:568\$174, a divida total d'esta proveniencia, em relação ao anno de 1908.

—Augmento dos lucros, tendo para isso contribuido o resultado da exploração das propriedades na posse da Companhia.

—O elevado numero e valor das propostas de emprestimos, que ficaram para realisar.

Do que deixamos exposto, se conclue que o anno de 1909 está em condições eguaes ás do anno anterior, e por isso temos a honra de submeter á vossa apreciação as seguintes soluções:

1.º Que aproveis o balanço e contas de 1909;

2.º Que do saldo liquido da conta de lucros e perdas, na importancia de 116:126\$868 réis, apliqueis:

a) para dividendo das acções, na razão de 8 por cento do capital desembolsado até 31 de dezembro de 1909, de 29\$250 réis por acção, a quantia de réis 93:600\$000, sendo este dividendo livre do imposto de rendimento, e encontrando-se n'elle os 3 por cento já distribuidos em relação ao 1.º semestre de 1909, na importancia de 35:100\$000 réis;

b) ao fundo especial de amortisação o saldo de 22:526\$868 réis.

Lisboa, 20 de fevereiro de 1910
O governador—José Luciano de Castro; os vice-governadores, Antonio Candido Ribeiro da Costa, Eduardo Burnay.

2.º

Relatorio do Conselho Fiscal no anno economico de 1909:

«As contas foram escrupulosamente conferidas e no balanço e verificação dos valores existentes na casa forte, a que procedeu, achou tudo conforme com o livro caixa, e com os outros documentos que lhes dizem respeito.»

«No desempenho do seu mandato, tomou sucessivamente conhecimento das operações da Companhia, que vêm lucida e proficientemente descriptas no relatorio do seu governo e que levam o Conselho Fiscal a concluir que se effectuaram todas as transacções com a maior regularidade e que o estado economico da Companhia oferece toda a segurança e promete um prospero futuro.»

4 de março, de 1910.—(aa) Marquez d'Avila e Bolama, José da Silveira Vianna, Luis Augusto Pimentel Pinto.

3.º

Declarações do snr. Albino Rodrigues na assemblea jeral de 7 do corrente (extracto dos jornaes):

Toma em seguida a palavra o sr. Albino de Souza Rodrigues, vice-governador da Companhia que declara que empenha toda a sua dignidade pessoal em dizer a verdade.

Faz o relatorio do papel emi-

tido e anulado. Desde 1885 não se lavram nos respectivos livros (com vista aos relatorios) os termos de annullações das obrigações dos sorteios realizados. Apresenta grande quantidade de dados numericos, que é impossivel reproduzir completamente.

Ha coisas extraordinarias—de vedores figurados, etc.

E' impossivel descrever a veracidade. O Banco Commercial figura como devedor por 64 contos e o Banco de Portugal por 300 contos de réis.

Tudo falso (ai os relatorios: vejam acima). Nem a conta do capital realizado está certa. Os dois peritos que procedem ao ezame da escrita chegam a esta conclusão: nenhum dos balanços é verdadeiro: as contas que figuravam na conta «devedores e credores» subdividiam-se, isto é, uma quantia que aparecia no «Razão» numa só parcela, aparecia noutros em muitas parcelas, chegando a fazer-se depozitos na delegação da Companhia do Porto como se fosse em estabelecimento extranho á Companhia.

Emfim, os erros acumulam-se de tal forma, que dir-se hia não haver sombra de administração (tornem á leitura dos relatorios).

A existencia de obrigações sem garantia traduzia-se por este numero:

1.726:497\$242 réis. Aumentaram-se contas de lucros, que na realidade só representam prejuizos. Emfim, está tudo errado: é muito mais do que tudo quanto se tem dito e de tudo quanto se possa supôr.

E' verdadeiramente fantastico quanto a primeira e rapida investigação produziu. O que faltará? O que se virá ainda a saber? Os relatorios dos peritos dizem que as irregularidades e viciações da escrita veem de 1902; que é necessario, indispensavel, trancar a escrita antiga e fazer uma completamente nova, fazendo nela os lançamentos dos prejuizos que se possam apurar da anterior. Os livros, a maior parte d'eles teem só os titulos e os termos d'abertura (nos relatorios diz se...) Apesar de numerozissimo pessoal que tem a Companhia, parece que não havia tempo para escriturasções.

Em seguida, em obediencia aos estatutos e pessoalmente, lê e manda para a meza uma proposta no sentido da dissolução da Companhia.»

Agora juntem a isto as declarações de Eduardo Burnay, vice-governador do Credito Predial, as de Melo e Souza, chavão da sabedoria bancaria, recordem que esses insuspeitos dão a Companhia como falida, e atribuem a falencia aos que teem jerido a instituição; e feito esse balanço, ainda uma vez, passam a vista pelos relatorios de José Luciano de Castro e do Conselho Fiscal, esses relatorios em que, ha poucos mezes, uns e outros celebravam acordermente... as prosperidades crescentes do «Credito Predial».

Devem ficar inteirados, quer-nos parecer...

Soma e segue...

Um jornal da manhã dos categorisados com o rotulo de «folha independente» ha dias, nas suas notas e informações, trazia o seguinte:

Dizia-se hontem que são numerosas as companhias que teem deixado de pagar ao estado o imposto de rendimento devido pelos lucros distribuidos aos acionistas. Ordenou-se, em tempos, uma sindicancia, inspeção ou como deve chamar-se, mas logo se moveram influencias poderosas e pôz-se pedra em cima do escandalo. Desgraçado paiz aquele em que as oligarquias dispõem de tudo e os interesses do estado se sacrificam aos particulares, porque uns e outros se encontram nas mãos dos mesmos individuos.

Vamos andando, que dia a dia veem aparecendo elementos de prova a mostrar que, em tudo, a admi-

nistração monarchica portugueza tem sido, e é, um cumulo de dezaforada ladroeira.

Esta noticia um tanto vaga, com o salvo conducto do «dizia-se» encobre factos da maior gravidade, da mais alta responsabilidade, do maior prejuizo para a nação. Ela é um facto, ha muito tempo sabido, muitas vezes dito e escrito; sintetizado no aforismo popular de que as leis e os deveres publicos existem para que os cumpram... os humildes, os pequenos, e aqueles que pelo seu protesto ameaçam subverter um estado de couzas tão iniquo e tão criminozo.

Ha companhias poderosas, ricas, que não dão um real ao estado, dos muitos contos de reis com que deviam concorrer para os cofres publicos, vivendo fora e acima da lei para os sacrificios que todos os portuguezes teem obrigação de fazer pela sociedade do seu paiz, e recebendo da coletividade, tão mal, tão dezastradamente representada pelos governos!—constantemente, privilegios, mercês, favores; favoritismo, em suma.

Sucedê isso porque são seus directores aqueles que poem e dispoem do poder; succede isso porque, nessas companhias disfrutando sinecuras esplendidas, ha politicos de alta patente, a favor dos seus interesses privados fazendo jirar os alcruzados governativos.

E' assim uma especie de mutualismo de latrocinio; as companhias vicejam sobre a aza protetora do ministro de estado, passado ou futuro, pagando-lhe caro a trabalhadeira de no fim dos mezes embolsar os vencimentos; e, por sua vez, o ministro que foi ou virá a sê-lo, encarrega-se de mandar bujear o imposto, tornando a sua companhia uma sociedade de beneficencia rejia izenta do pagamento de contribuições.

Tudo isto é feito em nome do dezinteresse pessoal que os carateriza, da probidade que é o seu escudo sem mancha, tudo isto, assim é, porque, como sabem, todos esses illustres burlistas são, homens de bem, etc., etc...

Todavia o dinheiro é precizo, e como as suas empresas o guardam a sete chaves, remedio é procural-o algures, onde seja facil arrancar o sem contempações, sem comiseración. Penhoram-se então os tarecos que nada valem de desgraçadas familias vivendo literalmente na miseria, não se perdoa um real ao ganha pão desvalido, e carrega-se feio e forte nas contribuições jeraes e anecosos, cujo pezo, afinal de contas, incide sobre os mais sacrificados e mais uteis.

Ao mesmo tempo, por falta de verba, deixam-se chegar as estradas ao mais lastimozo abandono, á mais estupenda ruina; não se debela o analfabetismo; não se garante a defeza nacional; não ha assistencia infantil, protecção aos velhos, nada de reformas sociaes de que tanto carecem as classes trabalhadoras; a verba, certamente, havia de dar um pouco para tudo isto se não a esquecessem no fundo dos cofres fortes das companhias, e no *argent de poche* dos ministros directores, esses figurões directores-ministros.

Estas coizas já são tão velhas, que a monarchia de *vida nova* quando nasceu já cá as achou de cabelos pintados, mas advirta-se, imediatamente, as abraçou contra o peito como amizades de vida e morte.

Elas, por si sós, definiriam a gafa fundamental d'um rejime, e associadas ao que tem sido o remanescente da administração da monarchia veem-se logo em sua caza, no meio da melhor companhia.

Companhia do ôlho vivo—já se vê...

Polvora sêca...

Ha dias, num «circulo catolico operario», no Porto, por uma sessão solene, ou o quer que seja, falou discursivamente um padre, bradando á assistencia—que defendesse Deus! E' esse padre um conhecido verrinario—chama-se Benevenuto de Souza, se a me-

moria nos não trae—e sustenta, dirige ou inspira folhas e pamphletos de guerra. Sua é, ou sob a sua direção vive, uma folha de caricaturas boçal, aggressiva, «O Petardo»; especie de «Besta Esfolada» escrita com tanto odio como o pasquim de José Agostinho, mas, tambem, escrita sem o talento e a tersa viveza da folha do frade, vigorozissimo polemista.

Benevenuto de Souza, que é uma variante açamada do conego Santa Cruz, e uma revivescencia sopeada do seu irmão em Cristo, o inquizidor Torquemada, estamos d'aqui a vel-o chamejar ascuas dos olhos, como verdadeiro enraivecido, quando a declamação atirou, colerica, de que se «defendesse Deus!»

Defender Deus!

Na sua infinita sabedoria, no seu infinito poder, o Eterno, seria curiozo vel-o precisar, como qualquer rejedor desrespeitado, dos cabos de ordens da clerezia, dos tribunales, das ca leias, das matanças: havia de ter graça que a Suma majestade, o creador dos sóes, para salvaguardar a integridade da sua infinita grandeza houvesse de estar reduzido a carecer do auxilio humano, sim seria curiozo, seria engraçado, um facto que vinha a sêr, então, positivamente, o *renversement* deste mundo e do outro, se não se soubesse logo que o que isto era, afinal... era uma herezia.

Limitava Deus, reduzia-o a proporções de contijencia, tornava-o periclitante, porque, precisamente, para o defender era precizo que algum perigo, qualquer mal ameaçasse... o infinito poder de Deus.

Era uma herezia, portanto, se na verdade nós não soubessemos o que é, no sentido que o verrinario teve ao pronuncial-o, que quer dizer:—«defendamos Deus!»

«Defendamos Deus!» para o padre e guerrilheiro Benevenuto— aqui está um caso... de mansidão cristã—significa que os padres, devem combater, intransijentemente, a liberdade de relijião, e devem zelar, sem ceder um passo, os privilegios, as riquezas, as honras, o predomínio, da sua igreja e, particularmente, das suas igrejinhas.

Reduzido a termos da maior simplicidade quer dizer que o padre Benevenuto quer a defeza de Deus:—Deus-barriga, Deus-aljibeira, Deus-volupia; prega a defeza da divindade:—Deus-honras, Deus-privilegios, Deus-violencias.

Isto é, pleiteia nas assembléas por um Senhor Deus de... *pro domo sua*.

Ora por esse Deus, que, em síntese, é um ganha pão, um rendozo emprego, admite-se, sem herezia, que se berre e barafuste como possessos para que se cerrem fileiras e punhos, acudindo em sua defeza.

Sómente esse Deus não é Jezus Cristo, esse Deus não é o que diz seguir e venerar o catolicismo, esse Deus não é, tampouco, o Espirito da filosofia, o *Principio* de Kant e o *Logos* de Platão e Boudha. Não é couza nenhuma de parecido com o que nos ensinam a amar e adorar em todas as cartilhas da moral, não tem parentesco algum com o que, em toda a parte, se tem como a verdadeira concepção de Deus.

Não é o sêr infinito: na extensão, no tempo, na ciencia, no poder, na misericordia, na justiça: não é o Creador, tão acima do creado que nunca este o diminue ou o atinje nas manifestações da sua maldade; ao contrario, é um Deus que se toca, que se enxovalha, que se pôde irritar, precisamente como se ele fosse de carne e osso, um mortal, um *momentaneo*, feito de nervos em continuado deziqulíbrio, cheio de sangue em ebulição permanente.

Esse Deus do padre Benevenuto de Souza é o Deus, senhor absoluto... do dinheiro e da crença dos homens; é a tirania com mascara, é a rapina com disfarce. Não é um Deus—é um peza-

delo. Como tal, precisa de todas as forças humanas a defendel-o dos que o atacam, e por isso, razão teve o foliculario do «Petardo» em pregar a hejira aos crentes.

João Fel.

Logares selectos

(D'uma carta ao Patriarcha de Lisboa)

Em materia religiosa o estado dos espiritos em Portugal é o seguinte: As mulheres são devotas. Por varias razões.

Umas por educação, outras por inclinação mística, outras por sensibilidade nervosa, algumas por medo, o resto por moda. Os homens, em geral, são indifferentes. Uns por simples atonia do espirito, irreflexão, frivolidade, descanço de todas as couzas superiores e elevadas; outros por systema partidario, odio ultra liberal aos padres, opposição economica ás irmandades, ás confrarias religiosas, ás corporações de mão morta; um pequeno numero por convicção philosophica; o resto por carencia absoluta de convicções e de crenças de qualquer natureza e de qualquer especie.

A comprehensão do ente supremo, a ideia de Deus como núcleo de vida moral, ou como foco dos destinos eternos, essa é inteiramente alheia ao que nós chamamos geralmente em Portugal a devoção ou a indiferença.

Para a parte da christandade sujeita ao baculo de vossa eminença, Deus é como um elemento que os mathematicos chamariam percível, um valôr que não entra no calculo senão de um modo contingente e transitorio.

E' uma personagem figurada e rhetorica, uma convenção official, uma especie de soberano que reina, mas não governa, que tem a sua corte, a sua aristocracia, os seus ministros responsaveis, os seus aulicos, os seus rebeldes, os seus intrigantes, os seus espíes, os seus chefes de policia.

Suppõe-se que foi Elle quem organisou e poz em movimento todo este machinismo, fez o seu discurso da corôa e encerrou-se em palacio.

Quem tem que requerer, que expôr, que interrogar, dirige-se aos poderes constituídos por via das estações competentes.

Querem ir para o céu? Procurem o snr. Radwaker. Appetecelhe a bemaventurança? Esperem um bocadinho que o snr. Padre Grainha vem ahí já.

E' questão disciplinar? é questão canonica? é casuistica? Querem saber se podem comer o mesmo repasto safo de caldeirada e bife com batatas? Se na Ave-Maria a palavra ave, dicta pelas temporas não quebrará o jejum? Vão ao Bem Publico e fallem com o snr. Souza Monteiro o grande Doutor da Igreja e da Alfandega.

(Continúa)

Ramalho Ortigão,

CHRONICA AGRICOLA

LXVIII

O MILDIW

A razão que me levou a escrever a anterior chronica sobre o oidium é a que me leva a escrever esta sobre uma doença da videira infelizmente muito vulgar; é a de que não obstante a vulgaridade d'estas doenças poucos as sabem tratar convenientemente.

O mildiw nas folhas manifesta-se por umas manchas na sua parte superior que começam por um amarello pallido a que corresponde na parte inferior um pó branco que se destaca facilmente com o dedo.

As partes atacadas morrem; e o progresso da doença é tão rapido que pôde uma vinha grande ser invadida n'uma só noite e estar destruida em tres dias.

O seu nome — mildiw — significa bolôr, mfo.

Nos bagos conhece-se porque nos pontos atacados, elles deprimem-se, tomam a cor amarellada e depois murcham e cabem.

O mildiw, como todos os parasitas em geral, desenvolve-se mais rapidamente com o tempo humido e quente; quando o tempo é secco a doença pára mesmo sem tratamentos, entrando novamente em actividade logo que na atmospheria exista alguma humidade.

O remedio empregado e que é de reconhecida efficacia é o cobre. Emprega-se mais vulgarmente sob a fórma de sulfato, mas qualquer sal de cobre é bom para combater a doença.

E' curiosa a fórma como se descobriu a efficacia d'esta substancia, que se deve a um mero acaso.

Em 1884, na Borgonha, notou-se que no meio de vinhas completamente destruidas por o mildiw, algumas cépas se conservavam indemnes ou pelo menos tinham sido muito poupadas; e verificou-se que todas essas cépas estavam ligadas a tutôres ou estacas que para melhor se conservarem e durarem mais, tinham estado mergulhadas n'um banho de sulfato de cobre.

Impressiões por este facto os viticultores empregaram no anno immediato o sulfato de cobre directamente sobre as folhas e os resultados obtidos permittiram afirmar logo que estava descoberto o remedio.

Discutiui-se depois, muito, qual a dose a empregar e sobre a conveniencia de lhe adicionar cal viva para lhe tirar a sua causticidade e augmentar a sua adherencia.

Do que tenho lido chego á conclusão de que posso aconselhar a seguinte calda bordeleza.

A dose de sulfato não deve ir além de 3 nem abaixo de 1 1/2 kilos por cada 100 l.º.

A cal, de que se faz leite, não tem dose certa; é preciso que ella neutralise a acidez do sulfato o que se conhece mergulhando na calda o papel tornesol. Enquanto o azul avermelha, é preciso deitar mais cal; se o vermelho azuliza é preciso mais solução de sulfato; se os dois não mudam, está bôa.

A calda deve-se agitar quando se usa e ficar depositada sob a fórma de neveiro fino sobre a parte superior das folhas; a que ficar na parte inferior, nada faz.

A cal deve deitar-se sempre no sulfato e nunca este n'aquella.

Emprega-se tambem a agua celeste que se prepara deitando em vez de cal, o ammoniaco, mas a sua applicação se tem a vantagem de não entupir o pulverizador, tem o inconveniente de ser corrosiva e poder queimar as folhas.

O mais aconselhado é o saccharato de cobre que se obtem na calda assucarada de Mickel Perret, a qual se prepara da seguinte fórma: diluem-se em 80 litros d'agua, 2 kilos de cal extinta recentemente, juntam-se 2 kilos de melao diluido em 10 litros d'agua, mechendo-se n'essa occasião muito rapidamente; a tudo isto juntam-se mais 10 litros d'agua em que se dissolveram previamente 2 kilos de sulfato de cobre.

Esta calda deve applicar-se com um pequeno excesso de cal (azulando o papel tornesol vermelho) e é a mais adherente de todas. Basta dizer que depois d'uma chuva de tempestade que durou 22 minutos, as videiras tratadas com a calda bordeleza tinham perdido 50,9 enquanto as com a assucarada tinham perdido 11,2 apenas; e depois de chuva forte de 6 horas e chuva fina de 24 horas, tinham respectivamente perdido a bordeleza 34,5 e 13,2, e a assucarada não soffreu perdas.

Os tratamentos devem fazer-se preventivos, visto que o cobre não cura, previne. Se não sobrevierem chuvas, a sua acção dura 21 dias.

Quando os cachos estiverem proximos a fechar, deve usar-se a oxydina que é feita de cal e sulfato de cobre e que por ser em pó penetra melhor até aos peciolos dos cachos preservando-os assim da doença.

NOTICIARIO

Dia a Dia

Regressaram hontem da capital o nosso amigo Gonçalves Ferreira Dias e sua irmã a menina Gloria d'Oliveira Dias.

—Passa incommodada de saude a sr.ª D. Irene Ferraz Cunha, dedicada esposa do nosso amigo Antonio Pereira da Cunha.

—Accentuaram-se as melhoras do sr. Joaquim Augusto Ferreira da Silva, o que estimamos.

—Cumprimentamos no fim da semana, n'esta villa, onde veio de visita, o nosso patricio sr. Manoel Bastos, considerado commerciante em Lisboa.

Excursão a Braga

Está definitivamente determinado o dia de S. Pedro, 29 de junho, para a excursão a Braga, de que ha tempo se vem fallando.

O producto liquido d'esta digressão reverte em beneficio do cofre da Misericordia d'esta villa, a cuja instituição de caridade todos os vareiros devem prestar o seu auxilio, afim de se garantir a sua estabilidade.

Por isso facil de prever é o bom exito da projectada excursão á cidade dos arcebispos, tanto da predilecção do nosso povo. N'ella

certamente não deixará de tomar parte quem se interessa pelos destinos da Misericordia, que é toda a gente d'Ovar. N'esta plana está em primeiro logar a mocidade, e vós, gentis vareirinhas, não faltareis lá com a vossa graciosa presença a imprimir animação e brilho a esta sympathica festa, que muito bem pôde chamar-se a festa da villa.

Além de que esta excursão, por um preço relativamente modico, proporciona ao digressionista religioso occasião de admirar a magnificencia dos templos de Braga e os magestosos Santuarios do Bom Jesus e do Sameiro e a todos as deliciosas paisagens do pittoresco Minho e sobretudo d'aquelle pequeno paraizo do Bom Jesus do Monte, onde á vontade se pôde folgar, rir e gosar.

E', pois, de toda a conveniencia que os excursionistas que desejam tomar parte no passeio, se inscrevam desde já até ao dia de S. João, pois que, deixando para depois, podem prejudicar totalmente a sua realisação.

O praso é curto, e por isso não pôde haver delongas.

O preço dos bilhetes, ida e volta, é o seguinte: 2.ª classe, 1\$600 reis e 3.ª, 1\$200 rs.

As relações para a inscripção de excursionistas acham-se expostas nas casas e estabelecimentos dos srs.

Praça—Manoel Valente d'Almeida, Tabacaria Havaneza Ferreira da Silva, Cerveira, Francisco Mattos, barbearia Marcellino, João Alves Cerqueira, barbearia João Tavares e Antonio da Conceição.

Outeiro—Pharmacia Manoel Joaquim Rodrigues.

Graça—Pharmacia Isaac Silveira e barbearia Antonio Martins.

Poça—Manoel de Mattos.

Bajunco—Manoel Ravasio.

Ponte Nova—Graça.

Cimo de Villa—Abilio José da Silva.

Vallega—Pharmacia Fructuoso Rodrigues e Nicolau Braga.

A' excursão!

Misericordia

Effectuou-se domingo preterito a assembleia geral dos irmãos da Misericordia, presidindo o respectivo provedor sr. dr. José Luciano Correia de Bastos Pina, secretariado pelos srs. João Coelho e Dias Simões.

Aberta a sessão o presidente apresentou, em nome da meza administrativa, á deliberação da assembleia, a escolha dos terrenos para a construcção do edificio hospitalar, apresentando os que para esse fim foram examinados pelos clinicos do concelho, a saber: ao cimo da Rua do Pinheiro (alem da via ferrea), na estrada de S. João, no Casal, na estrada da Marinha e na do Furadouro.

D'estes terrenos optaram os medicos pelos dois primeiros, tendo o da rua do Pinheiro 5 votos de preferencia ao da estrada de S. João e este 2 de preferencia áquelle.

Além d'isto fez vêr o presidente á assembleia que o terreno da rua do Pinheiro era cedido gratuitamente pelos snrs. drs. José Nogueira Dias d'Almeida e Pedro Chaves e a acquisição do outro custaria 1:200\$000 réis aproximadamente, segundo consulta que a mesa havia feito aos respectivos proprietarios.

Sobre o assumpto fallaram os snrs. dr. Sobreira, Antonio Soares Pinto, dr. Chaves, dr. Soares Pinto e Delfim Lamy.

Feita votação nominal sobre a escolha dos dois terrenos, a maioria da assembleia pronunciou-se pela do primeiro, tendo 25 votos contra 14.

Promoção

Na ultima ordem publicada pelo ministerio d'ultramar, foi promovido a capitão o nosso patricio e esforçado tenente do exercito ultramarino, Belmiro Duarte Silva. Cordealmente o felicitamos.

Actos

Na Universidade de Coimbra fizeram acto respectivamente nos dias 13 e 14, ficando plenamente approvados, os nossos amigos Antonio Baptista Zagallo dos Santos, (14.ª cadeira do 4.º anno de direito) e Antonio Gonçalves Santiago (2.º anno da mesma faculdade).

Os nossos parabens aos distinctos academicos.

Santo Antonio

Revestiu a habitual solemnidade a festividade de Santo Antonio domingo realisa da sua capella da Praça, achando-se o templo bellamente ornamentado.

No dia seguinte de tarde houve novena de musica e sermão pelo sr. Padre Antonio Borges.

A' noite, por iniciativa d'um grupo de rapazes, fez-se ouvir na Praça, das 3 horas até depois da meia noite, a philharmonica Ovarense, tendo escolhida assistencia.

Bibliotheca de Educação Moderna

“Descendemos do Macaco?”

Tradução do tenente Moraes Rosa

A Bibliotheca de Educação Moderna, que se publica em Lisboa sob a direcção de Ribeiro de Carvalho, acaba de pôr á venda um novo livro, interessantissimo, com este titulo: *Descendemos do Macaco?*

N'elle se trata, com uma clareza maravilhosa, o problema da origem do homem. Na verdade, estas perguntas preocupam todos os espiritos. De onde descendemos? Qual a nossa origem? Como appareceu sobre a terra o primeiro homem?

Desfeitas pela sciencia asingenuas tradições espalhadas pelo Christianismo, foi preciso estudar o problema, tão ruidosamente enunciado pelas theorias de Darwin. Foi assim que Denoy, um sabio illustre, explanou essas theorias, dando-nos um livro admiravel, claro e imparcial, cujo titulo é tambem uma pergunta: *Descendemos do macaco?*

Afirmou um outro sabio não menos illustre, que é preferivel descender de um macaco aperfeiçoado do que de um homem degenerado. Seja como fôr, este estudo é interessante e de um valor indiscutivel, pois a origem do homem decide do seu destino. De onde viemos. O que somos?

A estas perguntas, que devem torturar todo o homem consciente, responde o livro do sabio escripto-Denoy, agora traduzido para portuguez—livro cujo titulo suggestivo é este: *Descendemos do macaco?*

A mesma Bibliotheca de Educação Moderna já publicou mais dois livros, verdadeiramente sensacionais, tambem magnificamente traduzidos para portuguez.

O primeiro intitula-se *A Igreja e a Liberdade* e é devido á penna de Emilio Bossi, o famoso auctor do *Christo nunca existiu*.

O segundo intitula-se *Socialismo e Anarquismo* e constitue um estudo, completo e claro, ácerca d'estas duas doutrinas sociaes, sendo seu auctor o grande sociólogo Hamom.

Em preparação, prestes a serem postas á venda, estão outras obras sensacionais, destinadas ao maior successo.

Preço de cada volume d'esta bibliotheca: brochado, 200 réis; magnificamente encadernado em percalina, 300 réis. Remettem-se pelo correio, para todas as terras da provincia, do Brazil e das colónias portuguezas. Pedidos á *Livraria Internacional*, Calçada do Sacramento, ao Chiado, 44—Lisboa.

ANNUNCIOS

Azulejos, louças e outros artigos de faiança da Real Fabrica de Sacavem

Vende em finissimos gostos e a preços modicos, Manoel Rodrigues Neves, na

Rua das Figueiras—OVAR

Mercearia Valente

PRAÇA—OVAR

Acaba de expôr á venda um sortido das afamadas conservas d'«A Varina», que vende pelos preços da fabrica.

Tambem vende a superior farinha «Nestlé», por preço inferior ao Porto.

Acaba tambem de receber novas remessas de arame simples e farpado, rede de arame, páz de ferro, fogareiros, tintas e um completo sortimento de ferragens.

Em mercearia:—de tudo e artigos de primeira qualidade Tudo a preços baratissimos.

Livraria Chardron

Lello & Irmão—Porto

Acaba de sahir:

A Antiga e a Nova Fé

por David Strauss, traducção de Alfredo Pimenta.

Na «Casa Thomaz», papelaria e typographia, de Gonçalves & Moreira, á rua de Santa Catharina, 214 e 216, Porto, em frente ao «Primeiro de Janeiro», encontra-se á venda papel já riscado com os respectivos dizeres, proprio para recenseamentos de associações, o que muito facilita a confecção dos mesmos. Tambem vende tinta especial para cobradores das mesmas e tudo mais de que as associações carecem, por modicos preços.

Reportorios e Almanachs

PARA 1910

Encontram-se á venda na

Imprensa Civilisação

Rua de Passos Manoel, 211 a 219

PORTO